

**Alteridade e relações étnicas na antiguidade: as noções de
ethnos (ἔθνος) e genos (γένος) nas Histórias de Heródoto (livro
VII POLÍMνια)**

EDINETE RODRIGUES DE SOUSA

Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de
especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais
da Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/
SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Professora Dra. Marinalva Vilar de Lima – PPGH/UFCG
ORIENTADORA – PRESIDENTE DA BANCA**

**Professora Dra. Michelly Pereira Sousa Cordão – PPGH/UFCG
EXAMINADORA**

**Doutorando Breno Gomes de Lima Aromim – PPGH/UFCG
EXAMINADOR**

**Data da defesa e aprovação
14/12/2018**

**Alteridade e relações étnicas na antiguidade: as noções de etnos (ἔθνος)
e genos (γένος) nas Histórias de Heródoto (livro VII POLÍMNIA)**

EDINETE RODRIGUES DE SOUSA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção do Título de especialista.

ORIENTADORA

Professora Dra. Marinalva Vilar de Lima

**Campina Grande, Paraíba
Dezembro de 2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHis
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**Alteridade e relações étnicas na antiguidade: as noções de
ethnos (ἔθνος) e genos (γένος) nas Histórias de Heródoto (livro
VII POLÍMνια)**

EDINETE RODRIGUES DE SOUSA

**Campina Grande, PB
2018**

Alteridade e relações étnicas na antiguidade: as noções de etnos (ἔθνος) e genos (γένος) nas Histórias de Heródoto (livro VII POLÍMNIA)

Edinete Rodrigues de Sousa¹

Resumo

O presente artigo objetiva demonstrar a distinção lexical que Heródoto de Halicarnassos fez no livro VII (Polímnia) que está contido em sua obra: Histórias, onde o autor faz uma diferenciação entre etnos (ἔθνος) e genos (γένος), contribuindo para a relação de alteridade, ou seja, para distinguir o eu (helênico, europeu) do outro (persa, bárbaro). Nessa narrativa, perceberemos que os conflitos étnicos não são exclusividade da sociedade moderna e contemporânea, mas que eles já existiam antes mesmo do século V a.C., estes conceitos de "povo", "raça", "etnos", "nação", eram utilizados nos conflitos grego-pérsicos. A idéia de construção de um nacionalismo e as percepções do outro grupo étnico como sendo o estranho, o mal, que vem para subjugar, onde deveria ocorrer uma união em prol da defesa do território em comum já ocorria na antiguidade.

PALAVRA-CHAVES: Heródoto, etnos, genos, alteridade.

ABSTRACT

The present article aims at demonstrating the lexical distinction that Herodotus de Halicarnassos made in Book VII (Polymnia) which is contained in his work: Stories, where the author differentiates between ethnos (ἔθνος) and genos (γένος), contributing to the relation of otherness, that is, to distinguish the I (Hellenic, European) from the other (Persian, barbarian). In this narrative, we

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande. UFCG (2015). Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, especializando-se em educação para as relações étnico-raciais. Professora da rede privada de ensino no Instituto Educacional Imaculada Conceição - I.E.I.C. em Sumé-PB.

will realize that ethnic conflicts are not exclusive to modern and contemporary society, but that they existed even before the fifth century BC., these concepts of "people," "race," "ethnos," "nation," were used in Greek-Persian conflicts. The idea of building a nationalism and the perceptions of the other ethnic group as being the strange, the evil, that comes to subjugate, where a union should take place in favor of the defense of the territory in common already occurred in antiquity.

KEY-WORDS: Herodotus, ethnos, genos, otherness

Mas, afinal, quem sois vós, os dois? Em primeiro lugar- creio eu – é preciso saber disso, na verdade, saber isso. (Luciano)

Quando pensamos em nacionalismo étnico ou etnogênese, vêm a nossa mente processos históricos contemporâneos, a exemplo do imperialismo empregado pelas superpotências durante o século XIX, ou processos como o eugenismo racial implantado pelos nazistas na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Essas questões que conhecemos podem até ser contemporâneas, no entanto, classificações e separações de povos ou grupos são bem mais antigas. Os termos “povo”, “etnicidade”, “raça”, “etnogênese” remontam ao século V a. C²., ou até mesmo antes desse período, embora esses termos sejam utilizados por diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Desse modo, pretendemos demonstrar, nesse artigo, como os termos ethnos e genos foram utilizados por Heródoto, na sua obra intitulada de História, mais especificamente no livro VII Polímnia, para distinguir determinados povos em detrimento de outros e analisar os usos da etnogênese na afirmação de um logos grego, levando em consideração a produção desses discursos de

² Ver mais sobre a análise desses conceitos em: GEARY, J. Patrick. **O mito das nações – a invenção do nacionalismo**. São Paulo-SP: Conrad Editora do Brasil, 2005.

alteridade e, por conseguinte, as demarcações biológicas e espaciais dos povos não gregos. Apesar de termos utilizado para análise desses conceitos a tradução da obra herodoteana de Mário da Gama Kury, que muitas vezes não esclarece a distinção entre estes dois conceitos. Segundo Geary:

As distinções entre *ethne* (povos) e *gene* (tribos) são fluidas, mas Heródoto não vê problema nenhum em identificar grupos principais e secundários, diferenciando-os por seus refinamentos culturais. As categorias lhe parecem objetivas e evidentes. Do mesmo modo, ele raramente discute o porquê de uma tribo específica pertencer a um dado *ethnos*, mesmo que os membros da tribo não admitam pertencer ao povo em questão. (GEARY, 2005. p. 60)

Desse modo, podemos perceber a diferenciação desses conceitos e como eles podem ser utilizados para corroborar com a etnogênese de afirmação de um logos grego, principalmente na relação de alteridade, onde ocorrem claramente na obra herodoteana as demarcações dos gregos (helênicos) e os não gregos (bárbaros). Segundo Hartog, ao analisar a escrita de Heródoto:

Pois se o texto funciona etnocentricamente – eles e nós, eles com relação a nós, mundo que se conta traduzido no mundo em que se conta – tem isso de particular: não ser nem deliberadamente, nem sistematicamente helenocêntrico. Nós não somos o futuro deles: Heródoto não crer como Tucídides, que os bárbaros de hoje vivem como os gregos de outrora. Ele não pretende também, em faces dele, dar-lhes uma lição de escrita: sua escrita não é a verdade dos discursos bárbaros, reduzidos, por isso, a condição de fábulas. Inversamente, o outro não é a verdade para nós... (HARTOG, 1999. p. 366)

A partir dessas premissas, é possível percebermos que os contemporâneos a Heródoto assim como o próprio, ou até mesmo os que lhe sucederam, faziam uma distinção entre o eu e o outro. E quem era esse outro? Era o comumente chamado de bárbaro (não falava grego, ou compreendia muito pouco), que além de ser percebido muitas vezes como um ser ininteligível, também era colocado num patamar de “inferioridade”, pois mesmo quando Heródoto fala dos egípcios e persas (colocando-os em um nível mais elevado de civilização comparando a outros povos), eles são narrados a partir de um comparativo com os hábitos e costumes gregos, ou seja, o grego seria uma espécie de espelho que reflete a civilização, que detém o saber, que narra esse outro e esse outro passa a ser percebido a partir dessa narração.

Desse modo, exposto os objetivos desse trabalho, faz-se necessário apresentarmos quem é Heródoto e qual a importância desse historiador para a Historiografia Antiga. Heródoto de Halicarnassos, ou de Túrios (pois se tornou segundo a tradição indireta, cidadão desta cidade), é autor da primeira obra em prosa da literatura grega, que temos conhecimento até a atualidade. No tocante a sua biografia, é sabido que nasceu em Halicarnassos, na Cária em aproximadamente 484 a. C., seu pai chamava-se Lixes e sua família tinha uma certa influência em Halicarnassos. Em relação à vida política participava desta, com seu tio Lígdamis. Sua obra foi lida em Atenas, em 445, intitulada de *História* e contém diversas informações sobre as viagens que Heródoto fez à Ásia Menor, à África, às ilhas do mar Egeu, à costa da Trácia, às cidades da Grécia continental, etc. Segundo a tradição, Heródoto teria convivido em Atenas com homens ilustres, a exemplo de Péricles, Anaxágoras, Sófocles e Eurípidas. Acredita-se que durante sua primeira estadia em Atenas, ele tenha recebido um prêmio de dez mil talentos, após a leitura de sua obra³. Segundo Hartog:

De Heródoto a nossos dias, estende-se por vinte e quatro séculos o longo cortejo de seus intérpretes: tradutores, comentadores, críticos – todos que, alguma vez, depuseram no interminável processo que a posteridade não cessa de instruir sobre o seu caso. Processo que não será concluído, pelo menos enquanto Heródoto for essa figura longínqua, postada na orla da História. (HARTOG, 1999. p. 31)

Desse modo, vemos que Heródoto, mesmo tendo sido considerado falacioso por alguns, e, por tantos outros, importante precursor da escrita histórica da antiguidade, teve e tem um papel importantíssimo para compreendermos sobre a vida, os ritos, a religião e a cultura dos gregos antigos e também dos outros povos que entravam em contato com os helênicos, como foi o caso dos egípcios e dos persas. No tocante às críticas de fontes proferidas aos escritos de Heródoto, é válido termos o cuidado de não cometermos anacronismos, pois temos que perceber as limitações da época que os escritos foram produzidos. A historiografia grega⁴, por volta do século V

³ Para mais informações sobre a biografia de Heródoto, ver a introdução feita por Mário da Gama Kury, in: (HERÔDOTOS, 1985).

⁴ Ver mais em: WORTMANN, Klaas. **O Selvagem e a História. Heródoto e a História**. São Paulo: Revista de antropologia USP, 2000. Onde o autor tece algumas premissas sobre a historiografia grega da época de Heródoto, elencando que podemos chamar o que Heródoto fazia de “história oral” ou etnografia pela via da memória de testemunhas oculares, pois os

a. C., não se preocupa tanto com citações literais de documentos, pois a Grécia metropolitana fornecia pouco material para Heródoto, então esse tinha que se valer das fontes que estavam à disposição, como inscrições, oráculos, poemas, listas das satrapias, catálogo do exército persa, entre outros, mas, apesar de todas essas premissas positivas ou negativas proferidas a Heródoto, sabemos que ele é “esse pai que sempre é preciso evocar ou invocar, o fantasma que é preciso conjurar, o espectro de que é preciso desembaraçar-se”. (HARTOG, 1999. p. 31).

depoimentos eram submetidos a críticas de maneira semelhantes aquelas utilizadas em processos judiciais, haja vista que Heródoto trabalhou com a hierarquia de informantes, pois quanto mais próximo dos acontecimentos, mais confiáveis eram as narrações.

Etnos e genos: níveis de diferenciação na narrativa herodoteana

O livro VII (Polímnia) foi escolhido como objeto dessa análise, pois funciona como um novo prólogo, trazendo relatos bastante pertinentes sobre a Guerra Grego – Pérsicas, ou, como ficou conhecida, Guerras Médicas⁵. Heródoto narra na sua obra Histórias, principalmente nos seis primeiros livros, as desavenças e motivos que levaram asiáticos e europeus a se enfrentarem, pois essa política expansionista dos persas contra a Hélade, fez com que diversos povos que viviam no entorno da Grécia, a exemplo de atenienses, espartanos, coríntios se unissem para combater esse outro, que vem com intuito de conquistá-los. No livro VII, Heródoto narra a princípio, como Xerxes conseguiu ascender ao trono, substituindo Dareios, os preparativos do lado dos persas para marcharem contra a Hélade, a chegada do exército persa a Sardes, as “reconciliações” dos gregos para defesa da Hélade, os primeiros confrontos por mar e por terra, além de toda uma descrição de quem é esse outro que está chegando para tentar conquistar os gregos, como podemos perceber na citação que segue:

De início, Xerxes não tinha intenção alguma de marchar contra a Hélade; ele reuniu as tropas para ir contra o Egito. Mas Mardônios filho de Gobrias, do círculo de relações do Rei, e entre todos os persas o homem de maior influência sobre ele (Mardônios era primo de Xerxes, filho de uma irmã de Dareios), conversava com Xerxes dizendo-lhe palavras como estas: “Não convém, senhor, que os atenienses, causadores de tantos males aos persas, não sejam castigados por seus atos. Por enquanto, faz aquilo que tens nas mãos; mas quando tiveres dominado a insolência do Egito marcha contra Atenas, para que se fale bem de ti entre os homens e para que no futuro outros evitem atacar a tua terra.” Suas conversas tinham como objetivo a vingança, e nessas conversas ele acrescentava freqüentemente que a Europa era um território muito belo, dotado de toda espécie de árvores frutíferas e extremamente fértil, e que o rei era entre todos os mortais o único digno de possuí-lo. (HERÓDOTO, 1985. p. 340).

Desse modo, percebemos que esse outro narrado por Heródoto tem um grau de eucentrismo, pois coloca-se num patamar de superioridade a partir das narrativas do autor. É perceptível também que as desavenças entre gregos e

⁵ Sobre, ver mais em: BISPO, Cristiano. **As Guerras Médicas: proximidade de fronteiras étnicas e geográficas entre atenienses e etíopes nos séculos VI e V. a. C.**. MIRABILIA 03, 2003. Onde o autor apresenta as Guerras Médicas como um fator histórico capaz de aglutinar as fronteiras étnicas e geográficas entre atenienses e os grupos étnicos que mantinha relações.

persas é bastante antiga, chegando a ter um forte sentimento de revanchismo e que o desejo de conquistar a Hélade remonta aos antepassados persas, como era o caso de Dareios, que ansiava por essa expedição, todavia, veio a óbito e não conseguiu esse feito, deixando esse desejo para seu sucessor Xerxes enfrentar.

Todavia, faz-se necessário elencarmos a preocupação que Heródoto tinha ao escrever sua obra, ele não queria apenas descrever os feitos maravilhosos dos helênicos e dos bárbaros para que eles não se apagassem da memória com o passar dos tempos. Como o autor nos elucida no livro I de sua obra, ele sabia que preservar a tradição era necessário, mas queria encontrar a “verdade” a respeito dela, então ele assumiu a responsabilidade de registrar os acontecimentos e as tradições que não tinham sido registradas pela escrita. Como elenca Momigliano:

Heródoto desejava validar tanto as tradições gregas quanto as não gregas. Ele também não achou tão fácil reduzir os relatos tradicionais em termos humanos quando se deparava com muitos estrangeiros. Além disso, o fogo ardente da incredulidade estava ausente nele. (MOMIGLIANO, 2004, p. 61)

Entretanto, apesar de Heródoto ter essa preocupação em narrar os fatos dos gregos e dos estrangeiros, seu exercício de alteridade é endereçado, pois o autor inquieta-se com o receptor da sua obra, tendo que explicar esse outro para seus pares. Como já nos elucidou Hartog, debruçar-se sobre as narrativas herodoteanas é perceber como um grego da época clássica representa para si os outros, é perceber também as maneiras que eles praticaram a etnologia.

Seguindo esta perspectiva de Hartog e a de Jonathan Hall⁶ é que vamos analisar o *ethnos* e o *genos*, pois quando nos referimos ao termo *ethnos* podemos perceber como, “O grupo étnico é assim definido não pela soma de diferenças objetivamente observáveis, mas por apenas aquelas diferenças que os membros do grupo, eles próprios percebem como diferenças significativas.” (HALL) Desse modo, *ethnos*, uma palavra de origem grega, é usado não apenas para descrever a percepção interna de cada membro do grupo, mas também para perceber um conjunto de hábitos, crenças, costumes, valores, traços

⁶ Professor de História Antiga do Departamento de História da Universidade de Chicago – EUA. Professor visitante do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do MAE/USP durante o mês de junho de 2001.

comportamentais que definem uma comunidade ou nação e que constroem a sua identidade. Segundo Hall:

Diferentemente dos autores de peças, seus contemporâneos, Heródoto não tinha idéias negativas em relação aos não-gregos - muito mais tarde, o próprio Plutarco viria a acusá-lo de ser amigo dos bárbaros - ao contrário, suas Histórias são muito mais do que uma simples narrativa a respeito das causas e dos eventos ligados à invasão persa. Na verdade, é possível afirmar que esta obra é uma meditação a respeito da natureza da própria identidade grega e por isso talvez valha a pena retomar à definição de identidade grega que Heródoto coloca na boca dos atenienses e com a qual dei início a esta palestra. Esta definição que tem quatro aspectos - descendência, língua, religião e costumes - é ainda aceita como a principal (ou pelo menos a mais válida) definição grega de helenidade. Entretanto, eu concordaria com Myres que nenhum destes traços teria sido identificável por si só para os gregos do século V a.C. e que esta definição é, portanto, uma parte de um projeto intencional de Heródoto mais do que uma simples reflexão a respeito das atitudes suas contemporâneas. (HALL, 2001. p. 220/221)

Desse modo, Heródoto utiliza o termo *ethnos*, na sua obra História, cento e trinta e oito vezes⁷. Já no livro VII, ele o utiliza vinte e sete vezes, usando ainda inúmeras vezes os termos Hélade e Helenos para se referir aos gregos, explicitando essa idéia de identidade, com o intuito de determinar esse grupo étnico, que vai ser percebido assim, não a partir de seus aspectos físicos, pois ele faz distinção entre pessoas com características físicas diferentes, ligando estes aspectos ao meio natural e não há hereditariedade. Como podemos perceber na citação que segue, Heródoto faz uma narrativa de Xerxes como sendo conhecedor da importância da Hélade e dos povos que ali habitam e que seriam todos pertencentes a Hélade, também coloca na oratória do outro, um certo conhecimento e talvez crença na religiosidade grega:

Vou conduzir o meu exército através da Europa contra a Hélade, para punir os atenienses pelo mal feito aos persas e ao meu pai. Vistes meu pai Dareios ansioso também por marchar contra esses homens, mas ele morreu antes de ter podido vingar-se. Agindo por ele e pelos outros persas, não terei sossego enquanto não houver capturado e incendiado a cidade dos atenienses, que nos ofenderam primeiro, a mim e ao meu pai. Inicialmente eles foram a Sárdis com Aristagora de Miletos, nosso escravo, e chegando lá atearam fogo aos bosques sagrados e aos templos; em seguida, penso que todos vós sabeis como eles nos trataram quando fizemos uma expedição ao seu território sob o comando de Dátis e de Artafernes. São essas, então as razões pelas quais estou pronto para marchar contra eles. Refletindo sobre isso, vislumbro as seguintes vantagens nesse cometimento: se subjugarmos aquele povo e seus vizinhos – os habitantes do território do frígio Pélops-, estenderemos os limites da Pérsia até os do céu de Zeus. (HERÓDOTO, 1985, P. 341/342)

⁷ Confira anexo 1 (Tabelas de ocorrências das palavras *ethnos* e *genos* na obra de Heródoto).

Percebermos que todos os povos, independentemente do seu local de origem, vão ser percebidos como povo helênico, pertencente ao mesmo lugar, criando essa percepção de união, mesmo que a partir das outras narrativas herodoteneanas, saibamos que os “helenos” que viviam na Hélade, não eram o mesmo povo, porém eram percebidos assim, devido ao sangue em comum, a língua, os lugares comuns de culto, os sacrifícios, a religiosidade e outros costumes que os definiam assim, como podemos perceber na narrativa herodoteana que segue:

Reunidos no mesmo lugar os helenos, animados pelas melhores intenções a respeito da Hélade, trocaram opiniões e juramentos entre si, durante essa deliberação eles decidiram que a primeira entre todas as medidas a tomar era acabar com as querelas e guerras entre si mesmos; com efeito, havia algumas delas em curso [...] Sua intenção era saber se o mundo helênico desejava unir-se com vista a uma ação conjunta diante do perigo iminente para toda Hélade. (HERÓDOTO, 1985. p. 379/380)

Nesse fragmento percebemos que havia uma diversidade de genos (tribos), entre a população que formava o etnos (povo) grego, mas Heródoto coloca como que esse sentimento de pertencimento, esse respeito à Hélade já estava incutido nos diversos genos, principalmente frente ao inimigo em comum, os bárbaros. Na narrativa que segue não só os diversos povos habitantes da hélade sentiam-se defensores daquele lugar, como os próprios persas os reconheciam em unidade:

Entretanto os helenos, segundo ouvi dizer, costumam engajar-se em guerra, com a mais absoluta reflexão por falta de discernimento e habilidade; quando declaravam guerra uns aos outros, eles procuravam o lugar mais belo e plano, e quando o encontravam vão combater ali, de tal forma que os próprios vencedores saem da luta com grandes perdas; quanto aos vencidos, nem é bom falar; eles são aniquilados. Falando a mesma língua, eles deveriam por fim as suas desavenças valendo-se de arautos ou mensageiros, ou de quaisquer outros meios à exceção da luta armada. (HERÓDOTO, 1985. p. 342/343)

É perceptível, na narrativa de Heródoto sobre a delegação dos helênicos que chegaram a Siracusa para pedir ajuda de Gêlon, a distinção entre o eu (helênico, grego) e o outro (persa, bárbaro), pois o autor elucida que os lacedemônios, os atenienses e todos os seus aliados estão ali para pedir ajuda para Hélade, haja vista Gêlon ser detentor de muito poder e controlar uma

parte grande da Hélade, que é a Sicília. Todavia, Gêlon não quis ajudar caso ele não fosse o comandante do exército helênico, mas este já pertencia aos lacedemônios que não abdicaram do comando e consideraram um insulto esse pedido. Gêlon, não conformado, elucida sua segunda proposta: já que os lacedemônios fazem tanta questão de liderar o exército, pelo menos o comando fosse dividido, ficando os lacedemônios com o comando por terra e o comando por mar seria dos siracusanos, ou vice – versa. No entanto, os atenienses que possuíam a liderança por mar se ofenderam e não permitiram que isso ocorresse, tendo, segundo Heródoto, proferido as seguintes premissas:

Seria inútil, então, possuímos a maior força naval da Hélade se, como atenienses, tivéssemos de entregar o comando aos siracusanos, nós, os representantes do povo mais antigo da Hélade, e os únicos helênicos que nunca mudaram de morada, além do fato de um de nossos homens, presente ao cerco de Ílion, ter sido, segundo o poeta Homero, o guerreiro mais hábil para alinhar e pôr em ordem um exército. Logo não merecemos censura alguma por falar assim. (HERÓDOTO, 1985. p. 385)

É perceptível, a partir destas premissas, que existem níveis de grecidade na narrativa herodoteana, para os próprios habitantes da Hélade, pois na citação anterior a esta, o povo da Sicília era importante e tão helênico como os demais, mas a partir do momento que houve divergências de idéias, disputas por poder, os atenienses seriam o *ethnos* (povo) mais antigo da Hélade e não poderiam ter sua autoridade questionada. Outra nuance importante, é essa legitimação da superioridade de liderança ateniense que se dá, desde os primórdios, pois o próprio Homero já narrava as façanhas dos seus exímios guerreiros. Então, além dessa distinção entre o eu (grego) e o outro (bárbaro), há diferenciação entre os próprios helênicos na perspectiva do autor. Onde todos que Heródoto vai citar como helênicos pertenceriam ao mesmo *ethnos* (povo), mas devido às idéias diferentes, um determinado *genos* (tribo) se sobressairia perante os demais. Como podemos perceber na citação que segue:

Já me ouvistes falar anteriormente desses homens, quando iniciávamos a marcha para atacar a Hélade; tu me ouvistes e zombastes de mim quando eu te disse como, de meu ponto de vista, terminaria esse cometimento. Sustenta a verdade diante de ti, Rei, é de fato uma tarefa muito arriscada para mim; mas ouve-me agora novamente. Esses homens vieram combater contra nós pela posse do desfiladeiro, e se prepararam para isso. Seu costume é o seguinte: chegando o momento de ariscar a vida eles cuidam de sua cabeça. Fica sabendo, então: se venceres esses homens, Rei, e os que ficaram em Esparta em sua retarguarda, nenhum outro povo entre os homens jamais te enfrentará de armas nas mãos, pois agora marchas contra o reino mais nobre de toda Hélade e contra os homens mais valentes. (HERÓDOTO, 1985. p. 399)

A partir dessas premissas, percebemos os diversos níveis de grecidade utilizados por Heródoto, haja vista, que os espartanos foram retratados como os guerreiros mais fortes, mais hábeis, mais viris, ou seja, eles eram tão diferenciados, que se Xerxes conseguisse vencê-los, nenhum outro povo da Grécia teria coragem de enfrentar os persas.

Todavia, mesmo com todos os avisos sobre a valentia dos Lacedemônios, Xerxes não ficou convencido, esperou quatro dias para ver se os helenos fugiriam e como isso não ocorreu, Xerxes, cheio de cólera, mandou os povos medos e os císsios contra os espartanos, acreditando que estes os derrotariam. Não tendo seus anseios atendidos novamente, Xerxes teve que ver levar e mais levar de seus soldados serem derrotados, frente aos trezentos homens que defendiam o estreito de Termópilas. O rei, abalado e incrédulo, chegou ao ponto de mandar seu exército mais bem treinado, intitulado por ele de os imortais, e estes, da mesma forma que os demais, fracassaram e Xerxes teve que montar outra estratégia de batalha para conseguir finalmente vencer os lacedemônios. Como podemos ver na citação que segue:

Na manhã seguinte o sucesso dos bárbaros não foi maior; em face do número reduzido de seus adversários eles os imaginavam crivados de ferimento e incapacitados para continuar a opor resistência, e por isso recommçaram a luta; mas os helenos, alinhados em seus batalhões e por cidades, enfrentaram o inimigo sucedendo-se uns aos outros, á exceção dos focídios, que haviam tomado posição na montanha para guardar o atalho. (HERÓDOTO, 1985. p. 400)

Voltamos a ter uma narrativa em que os lacedemônios são exaltados como hábeis guerreiros e o outro como incapacitado de competir com tamanha técnica e destreza, além de ser perceptível outro momento em que os povos

que habitavam a Grécia antiga, são colocados num patamar de unidade, como sendo os helênicos que se juntaram para vencer o inimigo em comum.

Na análise de *genos*, seguindo a tradução de Mário Gama Kury, não encontramos nenhum uso do termo tribo, em referência ao vocábulo grego. Para distinguir um determinado grupo perante os demais, os termos utilizados são raça, povo, família, casa. No entanto, quando analisamos as aparições do termo *genos* em grego, particularmente na obra de Heródoto, podemos encontrar setenta e nove vezes. No livro sete, encontramos apenas sete ocorrências. Salientamos que a conotação mais utilizada na tradução em português é o termo raça, para designar a palavra *genos* e, nesse sentido, vamos analisar esse conceito, a partir da perspectiva de Vernant:

O tempo está como que incluído nas relações de filiação. Cada geração, cada "raça", γένος, tem o seu próprio tempo, a sua "idade", cuja duração, fluxo e mesmo orientação podem diferir totalmente. O passado estratifica-se em uma sucessão de "Raças". Essas raças formam o "tempo antigo", mas não deixam ainda de existir e, para algumas, de ter muito mais realidade que a vida presente e a raça atual dos seres humanos. (VERNANT, 1990. p. 142)

Seguindo estas premissas, é perceptível, na narrativa herodoteana, que há uma preocupação em elencar o *genos* (raça) dos povos citados. Mesmo o *genos* tendo seu próprio tempo, existem os níveis de grecidade na narrativa do autor, todavia, dependendo da origem (raça) desse povo, é mais válido ter a narrativa deste, que dos demais, como é o caso de Artemisia, que recebe certo destaque, em comparação com os outros oficiais do exército de Xerxes, como podemos perceber na citação que segue:

Não farei menção aos outros oficiais, pois isso não é necessário; mencionarei, porém, Artemisia, porquanto me causa profunda admiração o fato de essa mulher haver participado da expedição contra os helenos. Com efeito, após a morte de seu marido, embora tivesse um filho de tenra idade ela mesma passou a exercer a tirania, e obedecendo a sua coragem e à sua audácia viril incorporou-se à expedição sem ter sido compelida a isso de forma alguma. Seu nome era Artemisia, e ela era filha de Ligdamis, de raça halicarnássia por seu pai e cretense por sua mãe. (HERÓDOTO, 1985. p. 366)

Percebemos que, de todos os líderes do exército de Xerxes, só Artemisia era "digna" de ser mencionada. Essa mulher cuja descendência era halicarnássia, pela linhagem paterna, e cretense, pela materna. Heródoto de Halicarnasso fez questão de elencá-la. É possível percebermos nessas

premissas o início da construção de uma idéia de identidade étnica (mesmo que este não tenha sido o objetivo do autor), pois, seguindo as pesquisas acadêmicas sobre identificação étnica⁸, teríamos duas possibilidades de identificação étnica, os primordialistas (a etnicidade seria uma extensão da consangüinidade, sendo um fenômeno natural e trans-histórico) e os instrumentalistas (eticidade seria uma ficção adotada por grupos ou líderes, para conseguir objetos políticos, ideológicos, econômicos ou não-étnico). Mas se estamos analisando a antiguidade, o cuidado para não cometermos anacronismos tem que ser redobrado, pois o conceito étnico, tal qual o conhecemos hoje, não existia, além de termos diversas possibilidades de análise, em diferentes perspectivas teóricas. Desse modo, nos atenhamos a perspectiva de Hall (apesar de o autor considerá-la insatisfatória), que estas distinções estariam ligadas a perspectiva de auto-reconhecimento, auto-identidade de grupo, seria então este o caminho seguido por nosso rapsodo, Heródoto.

No entanto, mesmo utilizando a perspectiva de Vernant e de Hall, para analisarmos as narrativas herodoteanas, temos certo grau de dificuldade em utilizar estas análises para todos os fragmentos de uso do termo *genos*, na tradução do livro VII, pois percebamos na citação que segue:

Enquanto eles deliberavam Xerxes mandou um observador a cavalo para ver quantos eram os helenos e o que eles estavam fazendo, pois durante sua estada na Tessália ouvira dizer que um contingente pouco numeroso estava reunido naquele lugar, tendo à sua frente lacedemônios comandados por Leônidas, da raça dos heráclidas. (HERÓDOTO, 1985. p. 398)

Heródoto utilizou o termo *genos* (raça), para distinguir os povos, para ligar a sua ancestralidade em comum, porém não temos, na narrativa do próprio autor, uma catalogação de aspectos dessa distinção de raça. Mesmo em alguns momentos da sua narrativa, quando ele coloca, por exemplo, os lacedemônios como os mais valentes de toda hélade, não menciona explicitamente a sua ancestralidade heráclida a este fator. Considerando que entre os povos lacedemônios havia distinção social, não eram todos os lacedemônios que eram exímios guerreiros, havia artesões, comerciantes, entre outros. Desse modo, o que unia estes povos era a sua auto -

⁸ Ver mais sobre: ALDROVANDI, C. E. V. *Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo*. S.P., Labeca – MAE/USP. 2009.

identificação de ancestralidade em comum, ou o próprio Heródoto fez este papel de identificador, mesmo que estes povos viessem a concordar ou não. Como é perceptível na citação que segue:

Enquanto ele estava em Ácantos sobreveio a morte por doença do dirigente das obras do canal, Artacaies, distinguido com a estima de Xerxes e pertencente à raça dos aquemênidas; ele era o persa de maior estatura faltava-lhe quatro dedos para medir cinco côvados reais, e sua voz era a mais forte entre as de todos os homens; extremamente consternado, Xerxes mandou proporcionar-lhe funerais pomposos e a mais bela sepultura; todo o exército trabalhou para erigir-lhe um túmulo de grande altura (HERÓDOTO, 1985. p. 371)

A partir dessas premissas, percebemos que não há uma explicação do autor para estas ancestralidades, ele só as menciona, procuramos outros estudos que fizessem alguma análise dessas ancestralidades, mas não obtivemos êxito. Desse modo, é perceptível que estudos sobre *ethnos* e *genos* na antiguidade ainda é recente, e que temos muita análise dos termos etnicidade, raça, povo, etnogênese para os estudos mais contemporâneos. Mas, para percebermos como eles surgem, a partir de que perspectiva, é uma contribuição que os pesquisadores começaram a se preocupar mais no século XXI, então esta análise é apenas uma introdução ao debate, analisar estes conceitos a partir do livro VII da obra herodoteana é o início da pesquisa, esperamos continuá-la em outra oportunidade, percebendo estes conceitos a partir de toda a obra de Heródoto, pois como diria o historiador Gervácio Batista Aranha: “nenhuma narrativa histórica é capaz de reconstituir a experiência temporal em toda sua extensão e complexidade⁹”.

⁹ Ver mais em: ARANHA, Gervácio Batista. Da História entre a retórica e a prova: por uma mimesis renovada. 2013. Disponível em: www.snh2013.anpuh.org/.../1364664156_ARQUIVO_TEXTOPARASIMPOSIO.pdf.

FONTE

HERÓDOTOS. **Histórias**. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

REFERÊNCIA

ALDROVANDI, C. E. V. Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo. S.P., Labeca – MAE/USP. 2009.

BISPO, Cristiano. **As Guerras Médicas: proximidade de fronteiras étnicas e geográficas entre atenienses e etíopes nos séculos VI e V. a. C.** MIRABILIA 03, 2003.

GEARY, J. Patrick. **O mito das nações** – a invenção do nacionalismo. São Paulo-SP: Conrad Editora do Brasil, 2005.

HALL, J. **Quem eram os gregos?** Revista do Museu de Arqueologia e etnologia, São Paulo, 11: 213-225, 2001.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro**. Tradução de Jacyntho Lis Brandão. Belo Horizonte : UFMG, 1999.

MOMIGLIANO. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos antigos: estudos de psicologia histórica**; tradução de Haiganuch Sarian. - Rio de Janeiro: Paz e terra. 1990.

WORTMANN, Klaas. **O Selvagem e a História. Heródoto e a História**. São Paulo: Revista de antropologia USP, 2000.

Tabela 1 - Ocorrências do vocábulo ἔθνος no livro VII

Cap.	Passagem
8A	... τε καὶ Καμβύσης πατήρ τε ἐμὸς Δαρεῖος κατεργάσαντο καίπροσεκτήσαντο ἔθνεα , ἐπισταμένοισι εὖ οὐκ ἂν τις λέγοι. ἐγὼ δὲ
8C	... πυνθάνομαι γὰρ ὧδε ἔχειν, οὔτε τινὰ πόλιν ἀνδρῶν οὐδεμίανοὔτε ἔθνος οὐδὲν ἀνθρώπων ὑπολείπεσθαι, τὸ ἡμῖν οἶόν τε ἔσται ἐλθεῖν
9	... μὲν καὶ Ἰνδοὺς καὶ Αἰθιοπίας τε καὶ Ἀσσυρίους ἄλλα τε ἔθνεα πολλὰ καὶ μεγάλα ἀδικήσαντα Πέρσας οὐδὲν, ἀλλὰ δύναμιν προσκτᾶσθαι
21	... τῆσδε οὐκ ἄξιαι. τί γὰρ οὐκ ἦγαγε ἐκ τῆς Ἀσίας ἔθνος ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα Ξέρξης; κοῖον δὲ πινόμενόν μιν ὕδωρ
23	... νέμονται, ὄρυσσον δὲ ὧδε δασάμενοι τὸν χώρον οἱ βάρβαροικατὰ ἔθνεα : κατὰ Σάνην πόλιν σχινοτενὲς ποιησάμενοι, ἐπεῖτε ἐγένετο βαθέα ἢ
40	... τε καὶ τὰ ὑποζύγια, μετὰ δὲ τούτους σύμμικτος στρατὸςπαντοίων ἔθνων ἀναμίξ, οὐ διακεκριμένοι: τῆ δὲ ὑπερημίσεες ἦσαν, ἐνθαῦταδιελέλειπτο,
50	: ... φερόμενοι πορευόμεθα, τοῦτο δέ, τῶν ἂν κού ἐπιβέβωμεν γῆνκαὶ ἔθνος , τούτων τὸν σίτον ἔξομεν: ἐπ' ἀροτῆρας δὲ καὶ οὐ
55	... Πέρσαι, ἐστεφανωμένοι πάντες, μετὰ δὲ τούτους ὁ σύμμικτοςστρατὸς παντοίων ἔθνων . ταύτην μὲν τὴν ἡμέρην οὔτοι, τῆ δὲ ὑστεραίῃ πρῶτοι
60	... μέχρι οὐ πάντας τούτῳ τῷ τρόπῳ ἐξηρήθησαν. ἀριθμήσαντεςδὲ κατὰ ἔθνεα διέτασσον.
80	τὰ δὲ νησιωτικὰ ἔθνεα τὰ ἐκ τῆς Ἐρυθρῆς θαλάσσης ἐπόμενα, νήσων δὲ ἐν
81	... ταῦτα ἦν τὰ κατ' ἠπειρον στρατευόμενά τε ἔθνεα καίτεταγμένα ἐς τὸν πεζόν. τούτου ὦν τοῦ στρατοῦ ... ἀποδέξαντες, ἑκατοντάρχας
84	δέκα καὶ δεκάρχας οἱ μυριάρχαι. τελέων δὲ καὶ ἐθνέων ἦσαν ἄλλοι σημαντορες. ἰππεύει δὲ ταῦτα τὰ ἔθνεα: πλὴν οὐ πάντα παρείχεται ἵππον, ἀλλὰ τοσάδε μόναι, Πέρσαι
85	... εἰσι δὲ τινὲς νομάδες ἄνθρωποι Σαγάρτιοι καλεόμενοι, ἔθνος μὲν Περσικόν καὶ φωνῆ, σκευὴν δὲ μεταξὺ ἔχουσι πεποιημένην
87	ταῦτα τὰ ἔθνεα μόναι ἰππεύει. ἀριθμὸς δὲ τῆς ἵππου ἐγένετοὀκτὼ μυριάδες,
90	... κισθῶνας, τὰ δὲ ἄλλα κατὰ περ Ἑλλήνες. τούτων δὲ τοσάδε ἔθνεα εἰσι, οἱ μὲν ἀπὸ Σαλαμίνοσ καὶ Ἀθηνέων, οἱ δὲ
95	... δὲ ἑπτακαίδεκα παρείχοντο νέας, ὀπλισμένοι ὡς Ἑλλήνες, καίτοῦτο Πελασγικόν ἔθνος ; ὕστερον δὲ Ἴωνικόν ἐκλήθη κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον καὶ
96	... ἀναγκαίη ἐξέργομαι ἐς ἱστορίας λόγον, οὐ παραμέννῃμα. οὔτεγὰρ ἔθνος ἐκάστω ἐπάξιοι ἦσαν οἱ ἡγεμόνες, ἐν τε ἔθνεϊ ἐκάστω ὅσαι περ πόλιεςτοσοὔτοι καὶ ἡγεμόνες ἦσαν, εἶποντο ... στρατηγὸι γε οἱ τὸ πᾶν ἔχοντες κράτος καίάρχοντες τῶν ἔθνων ἐκάστων, ὅσοι αὐτῶν ἦσαν Πέρσαι, εἰρέαται μοι
99	... ἀρίστασ βασιλεῖ ἀπεδέξατο. τῶν δὲ κατέλεξα πολίωνἡγεμονεύειν αὐτήν, τὸ ἔθνος ἀποφαίνω πᾶν ἐν Δωρικόν, Ἀλικαρνησσεάς μὲνΤροιζινηίους, τοὺς δὲ
100	... θεήσασθαι: μετὰ δὲ ἐποίηε ταῦτα, καὶ διεξελαύνων ἐπιάρματος παρὰ ἔθνος ἐν ἑκάστων ἐπυνθάνετο. καὶ ἀπέγραφον οἱ γραμματισταί, ἕως ἔξ
110	... τὰς παραθαλασσίας τε καὶ Ἑλληνίδας ἐξ εὐωνόμου χειρὸςἀπέργων παρεξήηε: ἔθνεα δὲ Θρηκίων δι' ὧν τῆς χώρας ὁδὸν ἐποιέετο τοσάδε,
115	... παραμειβόμενος, καὶ ἀπίκετο ἐς Ἄκανθον, ἅμα ἀγόμενοςτούτων ἑκάστων τῶν ἔθνων καὶ τῶν περὶ τὸ Πάγγαιον ὄρος οἰκεόντων, ὁμοίως καὶ
130	... ἔδοσαν ἐωντούς βασιλεῖ, δοκέων ὁ Ξέρξης ἀπὸ παντόςσφεας τοῦ ἔθνος ἐπαγγέλλεσθαι φιλίην. εἶπας δὲ ταῦτα καὶ θεησάμενος ἀπέπλεε ἐς
161	... ἐκτῆμενοι, εἰ Συρηκοσίοισι ἐόντες Ἀθηναῖοι συγχωρήσομεντῆς ἡγεμονίης, ἀρχαιότατον μὲν ἔθνος παρεχόμενοι, μόννοι δὲ ἐόντες οὐ μετανάσται Ἑλλήνων: τῶν καὶ
184	... ἑπτὰ καὶ διηκοσίων καὶ χιλίων, τὸν μὲν ἀρχαῖον ἐκάστωντῶν ἔθνων ἐόντα ὁμίλον τέσσερας καὶ εἴκοσι μυριάδας καὶ πρὸς χιλιάδα
185	... Ἀχαιοὶ καὶ ὅσοι τῆς Θρηκίης τὴν παραλίην νέμονται, τούτωντῶν ἔθνων τριήκοντα μυριάδας δοκέω γενέσθαι. αὐτὰ ὦν αἱ μυριάδες
209	... γε καὶ τὸ ὑπομένον ἐν Σπάρτῃ καταστρέψαι, ἔστι οὐδὲνἄλλο ἔθνος ἀνθρώπων τὸ σὲ βασιλεῦ ὑπομενεῖ χειρας ἀνταειρόμενον: νῦν γὰρ
212	... συνέβαλλον. οἱ δὲ Ἑλλήνες κατὰ τάξισ τε καὶ κατὰ ἔθνεα κεκοσμημένοι ἦσαν, καὶ ἐν μέρει ἑκάστοι ἐμάχοντο, πλὴν Φωκέων:

Tabela 2 - Ocorrências do vocábulo γένος no livro VII

Capítulo	Passagem
99	... οὐνομα μὲν δὴ ἦν αὐτῇ Ἀρτεμισίη, θυγάτηρ δὲ ἦν Λυγδάμιος, γένος δὲ ἐξ Ἀλικαρνησσοῦ τὰ πρὸς πατρός, τὰ μητρόθεν δὲ
117	... τὸν ἐπεστεῶτα τῆς διώρυχος Ἀρταχαίην, δόκιμον ἐόντα παρὰ Ξέρξῃ καὶ γένος Ἀχαιμενίδην, μεγάλῃ τε μέγιστον ἐόντα Περσέων (ἀπὸ γὰρ πέντε
135	... ἐς Σοῦσα ἀπικνέονται παρὰ Ὑδάρνεα: ὁ δὲ Ὑδάρνης ἦν μὲν γένος Πέρσης, στρατηγὸς δὲ τῶν παραθαλασσίων ἀνθρώπων τῶν ἐν τῇ
173	... δὲ Λακεδαιμονίων μὲν Εὐαίνετος ὁ Καρήνου ἐκ τῶν πολεμάρχων ἀραιρημένος, γένος μέντοι ἐὼν οὐ τοῦ βασιλίου, Ἀθηναίων δὲ Θεμιστοκλῆς ὁ
185	... παρῆγοντο καὶ Παίονες καὶ Ἑορδοὶ καὶ Βοττιαῖοι καὶ τὸ Χαλκιδικὸν γένος καὶ Βρύγοι καὶ Πίερες καὶ Μακεδόνες καὶ Περραιβοὶ καὶ
197	... τοῖσι ἐκείνου ἀπογόνοισι ἀέθλους τοιούσδε: ὅς ἂν ἦ τοῦ γένος τούτου πρεσβύτατος, τούτῳ ἐπιτάξαντες ἔργεσθαι τοῦ λήϊτου αὐτοὶ φυλακὰς
208	... καὶ τοὺς ἡγεμόνας ὡς εἶψαν Λακεδαιμόνιοί τε καὶ Λεωνίδης τὸν γένος Ἡρακλείδης. ὡς δὲ προσήλασε ὁ ἵππεὺς πρὸς τὸ